

ESTRATÉGIAS INOVADORAS PARA O FOMENTO DO EMPREENDEDORISMO SOLIDÁRIO

Tania Marília Resende Meireles – taniameireles@ufsj.edu.br

*Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para
Inovação – PROFNIT - Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ*

Bezamat de Souza Neto – bezamat@ufsj.edu.br

*Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para
Inovação – PROFNIT - Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ*

Fabrizio Molica de Mendonça – fabriciomolica@ufsj.edu.br

*Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para
Inovação – PROFNIT - Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ*

Resumo— O presente manuscrito objetivou fazer um levantamento de informações sobre as relações existentes entre o empreendedorismo, o empreendedorismo social e a economia solidária e sua associação com o tema inovação, a fim de salientar estratégias inovadoras para a área social, aliadas aos empreendimentos solidários, visando auxiliar esses empreendimentos para melhores resultados a partir da utilização de ferramentas de inteligência que já são aplicadas no empreendedorismo privado. A Economia solidária é um tema que pode ter múltiplas possibilidades e enfoques para que gere uma compreensão de sua temática enquanto um objeto de estudo. Os empreendimentos de economia solidária podem ser organizados em diferentes atividades e com diferentes estratégias, sejam elas de comercialização, intercâmbio, financiamento ou prestação de serviços, com diferentes e diversificadas experiências. Os princípios do empreendedorismo e da pessoa empreendedora utilizam estratégias inovadoras para contornar as crises econômicas e trabalhistas, aplicando a inovação também aos empreendimentos solidários como alternativa para superar essas crises. De acordo com a classificação apresentada no Manual de Oslo, a inovação pode se dar em produtos, em processos, em serviços ou em marketing. Os empreendedores apoiam o desenvolvimento das sociedades e são também aqueles que promovem a inovação, assim como a economia solidária, visam o desenvolvimento em sentido lato, nas vertentes econômica, social, regional e sustentável. Empreendedorismo e economia solidária se unem porque têm objetivos comuns. Como resultados, o manuscrito apresentou a proposta de mecanismos e estratégias já aplicados no empreendedorismo privado para os empreendimentos solidários. Ferramentas de inteligência, capazes de promover desenvolvimento, consolidação e expansão dos empreendimentos solidários, além do aprimoramento da atuação dos gestores, através do suporte para tomada de decisões acertadas que essas ferramentas são capazes de oferecer.

Palavras-chave — Economia Solidária, Empreendedorismo, Inovação.

Abstract— This manuscript aimed to survey information on the existing relationships between entrepreneurship, social entrepreneurship and the solidarity economy and its association with the innovation theme, in order to highlight innovative strategies for the social area, allied to the solidarity enterprises, in order to help these ventures for better results from the use of intelligence tools that are already applied in private entrepreneurship. Solidarity economics is a theme that can have multiple possibilities and approaches so that it generates an understanding of its theme as an object of studies. Solidarity economy ventures can be organized into different activities and with different strategies, be they commercialization, exchange, financing or provision of services, with different and diversified experiences. The principles of entrepreneurship and the entrepreneurial person use innovative strategies to overcome economic and labor crises, applying innovation also to solidarity enterprises as an alternative to overcome these crises. According to the classification presented in the Oslo Manual, innovation can occur in products, processes, services or marketing. Entrepreneurs support the development of societies and are also those who promote innovation, as well as the solidarity economy, aim for development in a broad sense, in the economic, social, regional and sustainable aspects. Entrepreneurship and solidarity economy come together because they have common goals. As a result, the manuscript presented the proposal of mechanisms and strategies already

applied in private entrepreneurship for solidarity ventures. Intelligence tools, capable of promoting the development, consolidation and expansion of solidarity ventures, in addition to improving the performance of managers, through the support for making the right decisions that these tools are able to offer.

Keywords— Solidarity economy, Entrepreneurship, Innovation.

1 INTRODUÇÃO

Os empreendimentos de economia solidária são aqueles que podem estar inseridos em diferentes setores econômicos e organizados de diversas formas organizacionais, sob a forma de estratégias distintas de atividades econômicas: produção, comercialização, consumo, trocas e finanças. Essas atividades estão inseridas em diversos setores econômicos e se estruturam em diferentes formas de organização, como cooperativas, associações, sociedades mercantis simples ou mesmo como grupos informais, desde que mantenham a autogestão nas decisões administrativas e a posse compartilhada dos instrumentos de produção para que possam ser caracterizadas como empreendimentos de economia solidária (SILVA; CARNEIRO, 2014).

Gaiger *et al.* (2018) define os empreendimentos de economia solidária como organizações pautadas na integração do espírito empreendedor, ou seja, aquele que busca alcançar resultados através de planejamento e do aperfeiçoamento dos fatores produtivos, com o espírito solidário, aquele capaz de promover a racionalização econômica através da cooperação. Essa integração promoverá vantagens e frutos concretos, se forem comparados a outras formas de trabalho e renda, que estejam ao alcance desses trabalhadores envolvidos com os empreendimentos de economia solidária. O autor afirma ainda que os efeitos dos empreendimentos são tangíveis e que trazem vantagens reais se comparadas a alternativas de trabalho e renda. Os empreendimentos de base solidária são importantes estratégias em tempos de busca por formas alternativas de geração de trabalho e renda.

No Brasil, a economia solidária é marcada pela diversidade de experiências. São ações para além das diretamente empreendidas por grupos, uma série de ações relacionadas a apoio e fomento realizadas por entidades que atuam como organizações. Como propriedades principais, do fenômeno da economia solidária, as ações cooperativistas ou em forma de associações, tem como foco uma sistemática comunitária do ponto de vista interno e que concomitantemente estão abertas ao espaço público, visando solucionar problemas públicos a nível local (FRANÇA FILHO, 2013).

A integração do espírito empreendedor com o espírito solidário, que define os empreendimentos de economia solidária na visão de Gaiger *et al.* (2018), tem raízes no Brasil no fortalecimento desses dois movimentos, quais sejam o empreendedorismo e a economia solidária, nas décadas de 1980 e 1990.

Andrade *et al.* (2016) afirmam que na década de 1980 o Brasil entrou em uma longa crise de desenvolvimento, a mais longa desde 1840, registrando sinais significativos de regressão ocupacional com ruptura na tendência estabelecida de uma estruturação do mercado de trabalho. A partir de 1995 a renda per capita sofre com a estagnação e com a desaceleração na abertura de postos formais de trabalho assalariado. Fatores que contribuem com um cenário, que já era socialmente negativo, e desencadeado pela promoção de políticas de ajuste econômico, com a adoção do receituário neoliberal empreendidos pelo Ministério da Administração Federal e da Reforma do Estado – MARE, existente na época. Altos índices de desemprego, precarização dos postos de trabalho, desenvolvimento de atividades apenas para manter a sobrevivência, de produção popular e de irregularidade são alguns dos fatores apontados como resultado desse cenário vivenciado no país.

Da mesma forma, a Economia solidária ganhou força no Brasil a partir da década de 90, como nos afirma Singer (2018). A partir de então, muitas ações e incentivos foram tomando forma em muitos municípios. Ações e incentivos por parte de instituições, que procuraram incentivar o desenvolvimento dessas práticas, por verem nelas uma alternativa em tempos de escassez de trabalho formal. Para fomentar e apoiar a economia solidária algumas políticas públicas foram adotadas no Brasil, envolvendo o poder público nos níveis federal, estadual e municipal.

Como objetivo, o presente trabalho buscou levantar informações sobre as relações existentes entre o empreendedorismo, o empreendedorismo social e a economia solidária e sua associação com o tema inovação, a fim de salientar estratégias inovadoras para a área social, aliadas aos empreendimentos

solidários, visando auxiliar esses empreendimentos para melhores resultados a partir da utilização de ferramentas de inteligência que já são aplicadas no empreendedorismo privado.

Nesse sentido Vieira, Parente e Barbosa (2017), consideram que os estudos sobre as inovações sociais têm avançado, mas enquanto processos ainda carecem de estudos, principalmente em comparação à quantidade de estudos existentes sobre os processos de inovação em negócios. O presente trabalho buscou traçar um processo de cognição do empreendedorismo e suas lógicas para dentro dos empreendimentos solidários e o uso de ferramentas inovadoras para este tipo de empreendimento, como estratégia para promover o seu desenvolvimento.

A economia solidária cumpre um papel importante pelo fato de permear alguns segmentos muito importantes na vida em sociedade. Atua como fomentadora do setor econômico através do fornecimento de produtos, serviços, comércio e aumento do consumo de maneira cooperativa e muitas vezes sustentável. O empreendimento é de todos os envolvidos, que podem se organizar em grupos, associações ou cooperativas. No caso brasileiro, o campo da economia solidária designa um conjunto de experiências coletivas de trabalho, produção, comercialização e crédito, moldadas a partir de princípios solidários e associativos (SILVA, 2018).

2 RELAÇÕES ENTRE EMPREENDEDORISMO, EMPREENDEDORISMO SOCIAL E ECONOMIA SOLIDÁRIA PARA O DESENVOLVIMENTO DE ESTRATÉGIAS INOVADORAS

2.1 EMPREENDEDORISMO

O empreendedorismo e seu campo de atuação, expandiu-se e espalhou-se por outras disciplinas a partir dos anos 80 (FILION, 1999). Seu conceito abrange muitas áreas do conhecimento e, portanto, não está delimitado. Com a evolução da concepção de seu conceito, surge a vertente de que o empreendedorismo e os processos empreendedores podem ser ensinados e entendidos por todos e a concepção de que a capacidade empreendedora seria algo nato ou geneticamente herdado deixa de ser a vertente principal (DORNELAS, 2005).

Ao mencionar a crise da década de 1980, Andrade *et al.* (2016), destaca o empreendedorismo como alternativa e relata que o movimento começou a tomar força no Brasil com a criação de entidades relacionadas ao empreendedorismo e inovação, como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e a Sociedade Brasileira para Exportação de *software* (SOFTEX). Ainda segundo os autores, o microcrédito e sua popularização também contribuíram para que esse movimento do empreendedorismo se consolidasse e institucionalizasse. Relacionam a crise ao empreendedorismo para relacioná-lo ao empreendedorismo social e ao movimento de economia solidária.

A sociedade e as organizações, tiveram então, que buscar por maneiras diversas de incorporar em suas dinâmicas as mudanças tecnológicas que eram muito rápidas. Os estudos de Schumpeter já associava os empreendedores à inovação e destacava a importância dos empreendedores para o desenvolvimento econômico (FILION, 1999).

Para Andrade *et al.* (2016) a capacidade de criar instituições com fins lucrativos, que sejam possíveis e sustentáveis, é o termômetro do empreendedorismo tradicional, aquilo que o torna mensurável. O empreendedorismo assume importante papel no desenvolvimento da economia e o aumento de sua investigação é o reconhecimento disso, sob a perspectiva de três aspectos mais importantes que são a criação de empregos, a economia e a inovação. O empreendedor é aquele que faz acontecer, é aquele que cria, torna o que está em potencial em algo real, concretiza e até cria mercados quando a tecnologia é nova. Os autores retomam o reconhecido conceito de Schumpeter, em que o empreendedor é aquele que modifica a ordem econômica vigente através da introdução de novos produtos e serviços. O empreendedor é aquele que através de seu espírito inovador promove a inovação, seja uma inovação de produtos ou processos (ANDRADE *et al.* 2016).

Neves, Guedes e Santos (2010) afirmam, na mesma linha, que o empreendedorismo funciona como um importante fator de equilíbrio econômico, capaz de gerar empregos, inovação, dinamismo no mercado e na sociedade. E se destaca frente a momentos vivenciados por questões que preocupam o mundo no campo econômico e social, marcado por desigualdades econômicas, crises, desequilíbrio na geração e distribuição

de renda, além de questões acerca do desenvolvimento humano, da promoção de qualidade de vida e da sustentabilidade.

Segundo Filion (1999), o maior bem das sociedades são seus recursos humanos, que devem enviar esforços para desenvolver projetos voltados para o empreendedorismo, pois as sociedades são incapazes de evoluir sem empreendedores. Para o autor o empreendedor é aquele que é criativo, tem capacidade de estabelecer e atingir objetivos e têm alto nível de consciência do ambiente em que vive para melhor detectar oportunidades de negócios, está em constante aprendizado a respeito de novas oportunidades, toma decisões moderadamente arriscadas e por fim, tudo isso com objetivo na inovação. Ele imagina, desenvolve e realiza suas visões.

O empreendedor é aquele que toma as rédeas de seu próprio destino assumindo responsabilidade por sua construção (DOLABELA, 2003). O empreendedor acredita na contribuição que pode dar, é visionário e tem pretensão de mudar a realidade posta. Por estar insatisfeito com a realidade que vê, seu inconformismo o leva a descobertas e a propor ideias positivas, não só para si, mas também para os outros. Por acreditar no seu poder de mudança se torna protagonista de sua vida e da vida da comunidade que vive (DOLABELA, 2008).

Andrade *et al.* (2016) destaca que o empreendedorismo, apesar de estar diretamente ligado ao desenvolvimento econômico, à geração de oportunidades e à evolução da sociedade como apontado acima, não é capaz de gerar emprego formal para todos na sociedade, e assim como França Filho (2003), destacam a economia solidária como uma alternativa frente a essa constatação e apontam que existem convergências entre o empreendedorismo e a economia solidária.

2.2 EMPREENDEDORISMO SOCIAL

Como elo entre o empreendedorismo e a economia solidária, temos o empreendedorismo social. Conforme apresentado acima o empreendedorismo, da mesma forma que o empreendedor, estão em diálogo constante com a inovação e o desenvolvimento econômico. Como desdobramento, a criatividade e a inovação podem mudar uma situação econômica e social e apresenta os momentos de crises como fontes de oportunidades, sendo necessário estudar a realidade social das pessoas envolvidas nos empreendimentos (ANDRADE *et al.* 2016).

Neves, Guedes e Santos (2010), apontam a década de 90 como tempo primordial para o desenvolvimento de iniciativas com foco nas causas sociais. Assim, o cenário que se apresentava, onde o mercado de trabalho não absorvia a oferta de mão de obra, aumentando o nível de pobreza e desigualdade social, aliado com o baixo investimento em políticas públicas voltadas para o campo social, refletido diretamente no índice de desenvolvimento humano do país, propiciou essas iniciativas com foco nas causas sociais por parte de empresas, organizações não governamentais e instituições públicas. As organizações do terceiro setor cresceram, desta maneira, ocorreu o fortalecimento das formas alternativas de organização frente ao mercado de trabalho formal.

Vieira, Parente e Barbosa (2017), afirmam que as inovações sociais apresentam como potencialidade a articulação com o desenvolvimento sustentável. Por se relacionarem com a satisfação de necessidades básicas, a melhora na qualidade do meio ambiente, inovação nas relações sociais, governança, empoderamento e justiça social, possuem grande impacto social.

As respostas criativas podem mudar situações econômicas e sociais para melhor. Daí surge o interesse em estudar o empreendedorismo não apenas do ponto de vista individual, mas também sob a perspectiva estrutural e de como as estruturas econômicas e o meio social influenciam a iniciativa e a capacidade empreendedora de segmentos específicos da população. O que torna o empreendedorismo social mensurável é a sua capacidade de promover alterações sociais de forma duradoura, desenvolve nas pessoas o espírito de participação e conexão desses indivíduos com ações de empreendedorismo regional e com sua localidade e cultura. Apresentando uma nova forma de promover desenvolvimento de maneira sustentável, com inclusão social, proporcionando uma qualidade de vida melhor para as pessoas de determinadas localidades. (ANDRADE *et al.* 2016).

Aqui nos interessa, como o meio social influencia a iniciativa e a capacidade empreendedora dos segmentos da população, que se juntam em torno do empreendedorismo social e dos empreendimentos solidários. Primordial para esses segmentos, é o papel de agentes de transformação, geralmente o empreendedor social, que a partir de uma postura visionária e inovadora, busca promover e estabelecer ações com o objetivo de dirimir desigualdades, retirar pessoas de situações de risco social e promover bem-estar

social, ou seja, é o indivíduo que foca no coletivo e não no individual para promover desenvolvimento humano (NEVES; GUEDES; SANTOS, 2010).

Andrade *et al.* (2016), afirmam que o empreendedorismo social não é responsabilidade social empresarial. A responsabilidade social empresarial envolve ações internas e externas de maneira conjunta, organizada e planejada, além disso, a atividade e missão da empresa devem estar definidas de forma a deixar claro essas ações voltadas para as necessidades da comunidade. Para melhor explicitar o empreendedorismo social, suas convergências e divergências com o que é o empreendedorismo privado e a responsabilidade social empresarial, o Quadro 1 elaborado por Oliveira (2004), nos auxilia a demarcar a quem se destina e o objetivo do empreendedorismo social. Outro fator relevante é a fonte utilizada para confeccionar o Quadro 1, baseada na catalogação de fontes de pesquisa e também na entrevista de agentes envolvidos no processo, empreendedores sociais que vivenciam e não só teorizam a questão no Brasil.

Quadro 1 – Características do empreendedorismo privado, responsabilidade social empresarial e empreendedorismo social.

EMPREENDEDORISMO PRIVADO	RESPONSABILIDADE SOCIAL EMPRESARIAL	EMPREENDEDORISMO SOCIAL
É individual.	Individual com possíveis parcerias.	É coletivo e integrado.
Produz bens e serviços para o mercado.	Produz bens e serviços para si e para a comunidade.	Produz bens e serviços para a comunidade, local e global.
Tem o foco no mercado.	Tem o foco no mercado e tende à comunidade conforme sua missão.	Tem o foco na busca de soluções para os problemas sociais e necessidades da comunidade.
Sua medida de desempenho é o lucro.	Sua medida de desempenho é o retorno aos envolvidos no processo <i>stakeholders</i> .	Sua medida de desempenho são o impacto e a transformação social.
Visa satisfazer necessidades dos clientes e a ampliar as potencialidades do negócio.	Visa a agregar valor estratégico ao negócio e a atender expectativas do mercado e da percepção da sociedade/consumidores.	Visa resgatar pessoas da situação de risco social e promovê-las e gerar capital social, inclusão e emancipação social.

Fonte: Oliveira (2004, p. 13)

Os *stakeholders* citados no Quadro 1 representam pessoas e organizações que direta ou indiretamente podem ser afetadas por um projeto ou por uma empresa. Elas podem ser afetadas tanto positivamente quanto negativamente através da execução de um projeto. O empreendedorismo social na visão de Melo Neto e Froes (2002) difere-se do empreendedorismo privado apontado por Oliveira (2004) por não focar em produzir bens e serviços para vender, mas sim para buscar resolver problemas sociais. Outra diferença apontada é que ele não é direcionado para mercados, mas para aqueles segmentos da população que se encontram em situação de risco social (pobreza, miséria, risco de vida e exclusão social).

Dolabela (2008), aponta o empreendedor como um sujeito visionário, que com sua insatisfação frente a situação real que visualiza, propõe mudanças através de suas ideias e por seguir caminhos ainda não percorridos inova e gera consequências para si e para seu entorno. Já o empreendedor social tem um perfil diferenciado e apesar de assemelhar-se em alguns quesitos com o empreendedor comum, necessita misturar “ciência e arte, racionalidade e intuição, ideia e visão, sensibilidade social e pragmatismo responsável, utopia e realidade, força inovadora e praticidade” (MELO NETO; FRÓES, 2002, p.34).

2.3 ECONOMIA SOLIDÁRIA

No empreendedorismo social e sua consolidação, Neves, Guedes e Santos (2010), apontam que o cenário apresentado nas décadas de 80 e 90 e essa consolidação, resultam no desenvolvimento da economia solidária ou socioeconomia solidária. Na visão desses autores e de Dowbor (2006) a economia solidária é caracterizada por concentrar “sistemas de autogestão, cooperativas de nova geração, produções conveniadas de diversos tipos, iniciativas organizadas com fins coletivos.” (NEVES, GUEDES E SANTOS, 2010, p.77).

A Economia solidária é um tema que pode ter múltiplas possibilidades e enfoques para que gere uma compreensão de sua temática enquanto um objeto de estudos. Dentre um desses enfoques encontra-se a abordagem contextual, de uma realidade em que ela se manifesta de forma concreta, ao mesmo tempo, que se permeia de outras questões atuais e importantes do mundo do trabalho, do desenvolvimento social, local e sustentável (FRANÇA FILHO, 2006).

O princípio da economia solidária segundo Singer (2002), remonta uma alternativa frente às dificuldades como pobreza e desemprego, vivenciados nos primórdios do capitalismo industrial por muitos operários. No anseio de recuperar trabalho e estar economicamente ativo, muitos trabalhadores lançaram mão das organizações cooperativas, aproveitando forças produtivas novas, que se baseavam em valores como igualdade e democracia.

Os envolvidos nessas formas de trabalho coletivas, buscam seu engajamento na sociedade, na esfera do trabalho e na economia. Almejam, através de uma atividade em que eles podem, de forma associativa, democrática e autogerida, desenvolver, valorizar e comercializar produtos locais produzidos de forma sustentável. Associado a isso promovem encontros, discussões, capacitações e a participação em feiras para fortalecer esses empreendimentos. A autogestão, ou seja, o fato de os empreendimentos serem geridos pelos próprios trabalhadores de forma coletiva e democrática os tornam um modelo de produção que se caracteriza pela igualdade. Os processos decisórios são participativos, todos contribuem, os membros se ajudam mutuamente com fins de gerar trabalho e renda para todos, o que vai de encontro aos princípios da Economia Solidária (SINGER, 2018).

No Brasil, segundo Singer (2018), a década de 1980 devido à crise que se irradiou dos Estados Unidos ao Terceiro Mundo se desponta como o terreno propício à mobilização de projetos que visam mobilizar ações para acudir a parcela da população privada de meios de subsistência naquele momento. O autor aborda a crise e a década de 90 para relacioná-la ao surgimento e fortalecimento do movimento de economia solidária no Brasil.

A consolidação nos últimos anos da economia solidária no Brasil, efetivou-se na forma de um paradigma de mobilização social envolvendo reivindicações diferentes e de diferentes projetos de grupos contra hegemônicos na sociedade, esses grupos encontram-se distribuídos de forma aleatória no território nacional, mas com fundamentos comuns, como a defesa da prática da autogestão e da valorização do trabalho associativo. Essa consolidação não exclui a existência paralela de outras formas de organização do trabalho, nem mesmo do próprio trabalho assalariado. O paradigma citado em uma visão global da economia aponta que, existem e devem ser consideradas e valorizadas outras formas que fazem parte das relações econômicas, além do trabalho assalariado (SILVA, 2018).

França Filho (2013), caminha na mesma direção, apontando a economia solidária e seu conceito, como solução para a crise do trabalho. Em outro momento, França Filho (2006), analisa os desafios que circundam o tema e as possibilidades reais da economia solidária ser capaz de gerar efetivamente desenvolvimento territorial sustentável e organizar-se perante a noção de economia de mercado (forma de desenvolvimento predominante) como uma alternativa palpável.

Assim, a economia solidária a partir do sistema de autogestão, pode ser conceituada como um tipo de fenômeno social, que engloba uma forma de organização, movimentos sociais que objetivam gerar renda, distribuir riquezas, produzir e consumir. Pautada na autogestão e na administração e gerenciamento dos modos de produzir democraticamente, promovendo igualdade de direitos e responsabilidades. O empreendedorismo social participa de forma contundente, através de empreendedores sociais inovadores para um novo paradigma da economia, que é a economia solidária. Essa participação acaba por promover maior qualidade de vida, desenvolvimento de forma sustentável e benefícios para as comunidades mais carentes (NEVES; GUEDES; SANTOS, 2010).

Nesse sentido, segundo Andrade *et al.* (2016), o desenvolvimento aparece como diretamente relacionado aos objetivos tanto da economia solidária quanto do empreendedorismo, apesar de possuírem locais de atuação e forma de distribuição de dividendos diferentes. Apontando, nesse sentido, convergência entre esses dois movimentos. Essas convergências e também suas divergências ao serem analisadas devem estar situadas dentro do contexto social local onde está inserida.

2.4 ESTRATÉGIAS INOVADORAS APLICADAS À ECONOMIA SOLIDÁRIA

O Manual de Oslo apresenta a inovação de produto e de processo como mudanças que podem ser introduzidas com o objetivo de melhorar a produtividade e desempenho com um grau significativo de novidade. Os produtos são entendidos como bens e serviços e os processos como a introdução de um processo novo ou o aprimoramento significativo de um processo existente. A inovação de processo inclui mudanças que podem ser de equipamentos, recursos humanos, métodos de trabalho ou mesmo pela combinação desses fatores. A inovação não é um processo linear e envolve algumas atividades, como as citadas e dentre elas também o *marketing*.

Filion (1999) abarca o empreendedorismo e a figura do empreendedor como um indivíduo criativo, que planeja seus objetivos como propósito e os alcança e que tem a capacidade de perceber o ambiente que vive para identificar oportunidades com objetivo na inovação.

No campo dos empreendimentos solidários é possível inovar através das ferramentas de gestão de negócios e implantar mudanças significativas nos empreendimentos como um todo. A inteligência de negócios faz uso de aplicativos capazes de subsidiar a tomada de decisões de forma mais eficaz, evitando desperdícios, minimizando custos e aumentando a produtividade. Desta forma, serão capazes de produzir segundo preconiza o Manual de Oslo “melhoramentos importantes no que diz respeito a como elas são oferecidas, à adição de novas funções ou características em serviços existentes, ou à introdução de serviços inteiramente novos.” (OECD, 2005, p. 58). A visualização dos dados do negócio empreendido, seus resultados, deficiências e gargalos facilita planejar, projetar o que se quer alcançar a curto, médio e longo prazos, bem como aquilo que precisa ser modificado para alcançar esse objetivo.

Algumas mudanças não são capazes de promover alterações significativas na forma que o produto funciona e que o caracteriza, ou nas formas de fazer uso desse produto, não caracterizando assim, em inovações de produto, mas na “implementação de um novo método de *marketing* com mudanças significativas na concepção do produto ou em sua embalagem, no posicionamento do produto, em sua promoção ou na fixação de preços.” (OECD, 2005, p. 59), caracterizam inovação em *marketing*. Já a inovação de processo “é a implementação de um método de produção ou distribuição novo ou significativamente melhorado.” (OECD, 2005, p. 58), visam diminuir custos com a produção ou com a forma de distribuição de seus produtos ou na melhora de sua qualidade. Podem ainda ser na maneira de produzir ou escoar produtos novos ou que passaram por melhorias significativas.

Fonseca (2020), apresenta o *Google Ads* como uma ferramenta importante para gerar receitas e obter sucesso de forma *on line* através de *links* patrocinados, utilizando *marketing* digital. Em 2019 a ferramenta representou mais de 70% da receita do *Google*, evidenciando que é importante as empresas estarem presentes onde as pessoas realizam suas pesquisas. Através da ferramenta os anúncios são exibidos em forma de *links* patrocinados.

Outras ferramentas são descritas por Marques (2021), como ferramentas capazes de inovar, são os *softwares* capazes de desempenhar atividades de suporte que melhoram a eficiência de finanças, precificação e estoque, por exemplo. A inteligência artificial pode ser utilizada para listar e controlar os potenciais clientes, produtos, vendas, dentre outras tarefas. Outros exemplos de programas citados pelo autor são o *Microsoft Power BI*, *Office Excel* e *SAP Business One*. As ferramentas listadas, “em outros termos, incluem método melhorados para a execução de serviços, podendo abarcar técnicas e softwares novos em atividades de suporte, como contabilidade, controle e manutenção, visando melhorar a eficiência” (MARQUES, 2021, p. 5781).

3 METODOLOGIA

Para atingir o objetivo proposto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, de cunho descritivo e analítico.

Para Gil (2008), a pesquisa qualitativa confere importante papel à interpretação e a manipulação dos dados na análise qualitativa e pode acontecer de várias maneiras, evidenciando a criatividade do autor. Para o autor a pesquisa descritiva tem como objetivo estudar as características de um fenômeno ou estabelecer relações entre variáveis.

A pesquisa bibliográfica foi utilizada como estratégia de pesquisa. As bases de busca para os artigos foram o portal da CAPES e o google acadêmico, as palavras chaves usadas na busca foram: empreendedorismo, empreendedorismo social, economia solidária e inovação. Dos artigos encontrados foram selecionados artigos publicados entre 2015 a 2021, além dos trabalhos de autores de referência na temática e que publicaram em anos anteriores a 2015. Buscou-se descrever, explorar e compreender o empreendedorismo e a inovação e suas associações no contexto da economia solidária.

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

A partir do conceito de inovação apresentado no Manual de Oslo e sua correlação com os conceitos de empreendedorismo e da figura do empreendedor identificada por Filion (1999) e por Dolabela (2008), da

contribuição dos empreendedores sociais para a economia trazidas por Neves, Guedes e Santos (2010) e da economia solidária como alternativa às crises econômicas apresentada por Singer (2018), apresentamos o Quadro 2 com as principais relações encontradas entre os conceitos de empreendedorismo, empreendedorismo social e economia solidária.

Quadro 2 – Relações entre empreendedorismo, inovação e economia solidária.

EMPREENDEDORISMO	EMPREENDEDORISMO SOCIAL	ECONOMIA SOLIDÁRIA
Espírito empreendedor.	Espírito empreendedor e solidário.	Espírito empreendedor e solidário.
Individual voltado para o mercado	Pode ser individual ou coletivo voltado para o mercado tendendo a ações voltadas para a comunidade.	Coletivo, empreendida por grupos e/ou organizações, voltada para a comunidade.
Atende a dores do mercado.	Direcionado ao mercado e conforme sua missão, visa atender dores sociais.	Atende diretamente necessidades sociais, buscando soluções para seus problemas.
Inovação incentivada pelo mercado, soluções voltadas para o lucro.	Inovação incentivada a dar soluções aos envolvidos conforme sua missão.	Inovação incentivada por soluções que visam transformar realidades sociais.
Estratégias inovadoras com foco no lucro.	Estratégias inovadoras com foco na percepção da sociedade.	Estratégias inovadoras com foco no capital social e na sobrevivência dos empreendimentos.

Fonte: elaborado pelo autor

Na conjuntura de uma sociedade cada vez mais informatizada, e na contextualização do papel do empreendedor, os dados demonstram a existência de um potencial que as ferramentas de tecnologia, a internet e as ferramentas conectadas em rede, podem representar a favor do desenvolvimento pessoal e profissional dos empreendedores e também dos empreendimentos solidários, que necessitam obter conhecimentos mínimos desses mecanismos que poderão ser utilizados para ampliar a notoriedade deles na comunidade.

Desta forma, uma comunidade pode assumir sua capacidade de aguçar suas potencialidades e destacar sua localidade como local de desenvolvimento de formas novas e variadas de colaboração, solidariedade, cooperação e estabelecimento de parcerias.

Tendo como referência as estratégias utilizadas para alcançar desenvolvimento e melhores resultados através do empreendedorismo trazidas por Fillion (1999), ao afirmar que o empreendedor identifica oportunidades com objetivo na inovação e das ferramentas descritas por Fonseca (2020) e Marques (2021), apresentamos abaixo o Quadro 3, com as principais ferramentas identificadas na pesquisa já aplicadas ao empreendedorismo privado e que podem ser aplicadas aos empreendimentos solidários.

Quadro 3 – Principais ferramentas aplicáveis aos empreendimentos solidários

FERRAMENTA	APLICABILIDADE
Redes sociais	Visibilidade, vendas e <i>marketing</i> digital
Google Ads.	Visibilidade, <i>marketing</i> digital e geração de novas receitas.
Softwares de suporte.	Eficiência em: finanças, precificação e estoque.
Inteligência Artificial	Listar e controlar clientes e potenciais clientes, produtos e vendas.
Microsoft Power BI, Office Excel e SAP Business One	Melhoria na execução de serviços, na eficiência e apoio a tomada de decisões acertadas por parte dos gestores.

Fonte: elaborado pelo autor

A utilização dessas ferramentas como estratégias para a implementação de inovação, através de mudanças e melhorias exigem estudo de viabilidade, método e propósito para uso.

5 CONCLUSÕES

Em um mercado cada vez mais exigente os empreendimentos solidários necessitam refletir a qualidade de seus produtos e serviços, assim como a maneira de ofertá-los e quais os resultados alcançados. A inteligência de negócios, já utilizada amplamente nos negócios privados é uma ferramenta para análise, gerenciamento e apoio na tomada de decisões tanto sobre as políticas públicas de fomento a esses empreendimentos como também na análise de desempenho dos empreendimentos.

A partir da compreensão estabelecida sobre o tema e da proposta desses mecanismos ou estratégias inovadoras aplicadas à economia solidária, serão capazes de, através de ferramentas de inteligência, já existentes e utilizadas em empreendimentos privados, aliar a inovação também aos empreendimentos solidários, resultando no aprimoramento e desenvolvimento por parte dos gestores e servirão de suporte para tomada de decisões acertadas.

Nota-se que o conhecimento do potencial econômico de seus saberes e o uso de ferramentas que facilitem a visualização de como eles são colocados em prática, poderá fortalecer a consolidação e a expansão de um empreendimento solidário. Desafio a ser enfrentando por essa parcela de empreendedores para se conectar a uma nova realidade de negócios que exige cada vez mais o desenvolvimento de habilidades pessoais e profissionais que passa a fazer parte do cotidiano e que até então não era vivenciada por muitos empreendedores solidários. A gestão compartilhada dos empreendimentos solidários poderá ser adaptada para uma gestão informatizada que armazene dados capazes de se relacionar e apontar novas soluções.

Várias maneiras e estratégias podem ser traçadas para a adoção de inovações tecnológicas no mundo dos empreendimentos solidários, das mais simples até as mais complexas. Desafios que podem ser alavancados com pesquisas e aplicações que desencadeiam o progresso, e o desenvolvimento social e de novas tecnologias da informação e da comunicação.

A partir das informações descritas, observou-se a existência da necessidade de aprimoramento de habilidades e a busca constante de conhecimentos por parte de empreendedores solidários, que possam ser capazes de moldar novas competências em um setor ainda carente de aplicações e estudos nessa área.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Diego César Terra de, COSTA, Danielle Martins Duarte, RAMOS, Heidy Rodriguez e VASCONCELOS. Empreendedorismo e economia solidária: um ensaio de suas convergências e divergências. **RACEF – Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace**, v. 7, n. 1, Ed. Esp. Ecossistemas de Inovação e Empreendedorismo, p. 175-186, 2016.

DOLABELA, F. **O Segredo de Luísa – Uma ideia, uma paixão e um plano de negócios**: como nasce o empreendedor e se cria uma empresa. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

DOWBOR, L. **O que acontece com o trabalho?** São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.sobratt.org.br/fbt2005/Ladislau%20Dowbor.pdf>. Acesso em 06 outubro 2020.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. Teoria e Prática em Economia Solidária: Problemática, Desafios e Vocação. **V Workshop empresa, empresários e sociedade**: Mesa Redonda 06: Empresas e os projetos de economia alternativa. Porto Alegre, 2 a 5 de maio de 2006 – PUCRS. Disponível em: https://arquivofee.rs.gov.br/5workshop/pdf/mesa06_genauto.pdf. Acesso em 11 novembro 2020.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. A problemática da economia solidária: um novo modo de gestão pública? **Cad. EBAPE.BR**, v. 11, n. 3, artigo 7, Rio de Janeiro, set./nov. 2013, p.443-461.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **RAUSP Management Journal**, v. 34, n. 2, p. 6-28, 1999.

FONSECA, João Paulo Motta. Google AdWords: o que é, como funciona e como você pode utilizá-lo a seu favor. Rockcontent, 2020. Disponível em: <https://rockcontent.com/blog/google-adwords/>. Acesso em 2 fevereiro 2020.

GAIGER, Luiz Inácio, FERRARINI, Adriane, VERONESE, Marília. O Conceito de Empreendimento Econômico Solidário. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 61, no 1, p.137-169, 2018.

MARQUES, Wasley Peixoto. Estratégias Empreendedoristas na Advocacia: do Tradicionalismo às Inovações Tecnológicas. **Revista GEINTEC**-ISSN: 2237-0722, Aracaju, v. 11, n.1, p. 5773-5785, jan/fev/mar. 2021.

MELO NETO, F.; FROES, C. **Empreendedorismo social**: a transição para a sociedade sustentável. Qualitymark Editora Ltda, 2002.

NEVES, Edson Oliveira; GUEDES, Cezar Augusto Miranda; SANTOS, Kléber Carvalho. Empreendedorismo social e sustentabilidade: um estudo de caso sobre o projeto “mulheres em ação jogando limpo com a natureza” do IFNMG. **Revista FAE**, Curitiba, v.13, n.2, p. 1-14, jul./dez. 2010.

OLIVEIRA, E. M. Empreendedorismo social no Brasil: atual configuração, perspectivas e desafios – notas introdutórias. **Revista da FAE**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 9-18, 2004.

Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). **Manual de Oslo**: diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação. 3. ed. Brasília: OCDE, 2005.

SILVA, Sandro Pereira: Laços na diversidade: Análise da trajetória de construção do movimento social de economia solidária no Brasil. **Texto para Discussão**, No. 2367, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Brasília, 2018.

SILVA, S. P.; CARNEIRO, L. M. Os novos dados do mapeamento de economia solidária no Brasil: apontamentos iniciais para o debate. **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise**, n. 57, 2014, p. 69-82.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. 1. ed. São Paulo: Perseu Abramo, 2002. 127 p.

SINGER, Paul: **Ensaio Sobre Economia Solidária**. Coimbra: Almedina, 2018.

VIEIRA, Naldeir dos Santos; PARENTE, Cristina; BARBOSA, Allan Claudius Queiroz. “Terceiro setor”, “economia social” e “economia solidária”: laboratório por excelência de inovação social”, Sociologia: **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Número temático – Processos sociais e questões sociológicas, pp. 100-121, 2017.